

The background of the entire page is a blue-tinted image of a person in a business suit holding a tablet. Overlaid on this image are various financial charts, including bar graphs, line graphs, and pie charts, as well as some numerical data points. The overall aesthetic is professional and data-driven.

RADAR Setorial



Agronegócio do Brasil

VOCAÇÃO E PROSPERIDADE

Agronegócio do Brasil

Vocação e Prosperidade

Quando os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 1908 contaram que ouviram falar sobre uma terra distante, com recursos abundantes e na qual “dinheiro nascia em árvore”. Atraídos por essa lendária terra, muitos aceitaram embarcar e atravessar o oceano para testemunhar a verdade de tal afirmação: se não propriamente o dinheiro nascia em árvores, a possibilidade de se fazer dinheiro com aquilo que as árvores e o solo produziam era autêntica e real.

Os produtos de recursos naturais do solo Brasileiro, sejam eles minerais, sejam eles agrícolas demonstram um potencial imenso de capacidades econômicas em diferentes regiões do Brasil e isso não significa que o país abre mão de uma trajetória de desenvolvimento industrial ou de capacidades mais sofisticadas: trata-se de uma autêntica possibilidade de desenvolver ambas as vocações a partir de uma renda natural desenvolver novas e ambiciosas capacidades. É preciso notar que há países ricos e desenvolvidos que já usufruem renda a partir de recursos naturais, como Austrália e Nova Zelândia, mas também Estados Unidos, onde o setor agrícola tem renda média superior à dos setores industriais e de serviços.

Contudo, pela obsessão de exportarmos poucos produtos agrícolas, como os tradicionais café e algodão, e pelo direcionamento de recursos para a indústria e a criação de uma hipotética independência em relação a mercados externos, o agronegócio brasileiro foi se diversificar e desenvolver-se apenas recentemente e já exhibe números impressionantes: nesse particular, nos últimos 35 anos a produção de carnes brasileira saltou para o primeiro lugar do mundo, ultrapassando Austrália, Argentina e Estados Unidos, uma evolução semelhante à da soja, que hoje compete com a dos Estados Unidos pela liderança do mercado mundial. A chegada de novos produtos, todavia, não fez com que o destaque alcançado em outros fosse diminuído: destacamo-nos ainda em café, açúcar, laranja e outros produtos. A Embrapa estima que a produção agrícola brasileira possa ser responsável por 10% da alimentação da população mundial¹.

Para situarmos nosso leitor sobre a perspectiva do agronegócio brasileiro optamos por dividir o texto em três partes contendo: (1) o contexto para os próximos anos; (2) os potenciais ainda a serem aproveitados e, finalmente (3) alguns riscos a serem monitorados.

¹Estudo dos pesquisadores Elisio Contini e Adalberto Aragão. Sua íntegra pode ser acessada através do link:

https://www.embrapa.br/search-news/-/noticia/59784047/o-agro-brasileiro-alimenta-800-milhoes-de-pessoas-diz-estudo-da-embrapa?p_auth=xEs07q4J

Contexto

No contexto da presente década é possível, com base na experiência das décadas anteriores, apontar duas tendências que tenderão a permanecer e intensificar-se.

A primeira dessas tendências é que, consequência de uma alta na demanda provocada pelos consumidores da Ásia, **o preço dos alimentos aumentou consideravelmente e foram acompanhados por uma volatilidade significativamente maior a partir de 2004.**

Se por um lado a notícia parece boa, é preciso fazer notar que a maior volatilidade nos preços pode resultar em quebras para o produtor que está descapitalizado. **Com efeito, cresce a importância de medidas protetivas e negociações antecipadas, por exemplo através dos mercados de futuros e opções, ou o gerenciamento de risco de contratação de empréstimos e matérias-primas.**

Então, o monitoramento atento das tendências de preços e a comercialização antecipada evita qualquer loteria de preços, contribuindo para a manutenção lucrativa das lavouras. Como se pode observar no gráfico 1, ainda que se espere para o período até 2024 uma nova máxima de preços globais dos alimentos, também é possível que os preços estejam abaixo da média da década passada em grande parte do período.

A instabilidade geopolítica e a concentração de consumo na China explicam essa faixa de probabilidades tão larga para a projeção de preços.

Gráfico 1: Preços Globais dos Alimentos – Últimos 32 e Próximos 2 anos



Um segundo fator que pode ser apontado no contexto atual da produção agrícola mundial é o aumento da importância dos insumos nos custos da lavoura. Com o aperfeiçoamento das técnicas, aumentou-se consideravelmente a dependência dos defensivos e componentes químicos na produção. Podemos afirmar que apesar da alta dos preços dos alimentos, **os custos de produção também aumentaram consideravelmente: assim tivemos a manutenção das margens para o produtor, na melhor das hipóteses**, para várias lavouras.

Em uma palavra, os dois fatores apontados formam uma complexidade maior na administração das lavouras, tornando mais incerto a manutenção de um resultado.

Potenciais

Para uma demanda asiática maior, o Brasil encontra-se preparado no, literalmente, terreno produtivo. A emergência de populações urbanas consideráveis na China, Índia, Indonésia, Filipinas etc, com populações que possuem renda urbana ascendente e, em muitos casos, já superiores à do Brasil em termos per capita, faz do Leste da Ásia a porta de oportunidades do agronegócio brasileiro.

Para tal, é preciso notar que ainda há uma possibilidade de expansão considerável, tanto qualitativamente (produtividade), quanto quantitativamente (extensão).

Considerando que a agricultura capitalista ingressou nos estados do Nordeste apenas há 30 anos atrás, bem como expandiu-se em regiões consideráveis do Centro-Oeste recentemente, já podemos afirmar que o movimento não acabou. Observando-se a figura 1 é possível notar que, ainda preservando a Floresta Amazônica e o Pantanal, há uma possibilidade de expansão naquilo que são as áreas do Tocantins e oeste do Nordeste, uma região conhecida como “Matopiba”, envolvendo o norte de Tocantins, o sul do Maranhão e Piauí e o oeste da Bahia, em área do Cerrado e Caatinga.

Figura 1: Distribuição Espacial do Uso do Solo no Brasil - 2020



Fonte: British Ecological Society - <https://besjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1365-2664.2012.02145.x>

Se essa região for viabilizada, aponta também para a necessidade de infraestrutura, como rodovias e portos voltados para o “arco norte” do Brasil, oportunizando negócios envolvendo construção, transporte e armazenamento.

Como não bastasse a quantidade, é preciso notar que a produtividade para a maior parte das lavouras, sobretudo na região Centro Oeste e Nordeste, os rendimentos permanecem crescentes por hectare: a pesquisa de melhoramento de sementes, do uso do solo e de irrigação é incremental e promete melhorias à semelhança do que a Região Sul experimentou entre 1975 e 2005.

Finalmente, além das melhoras de quantidade e qualidade, o agronegócio brasileiro ainda tem um potencial considerável se for capaz de internalizar à economia nacional processamento dos insumos e distribuição dos produtos. Eventualmente, até mesmo a distribuição pode ser realizada por produtores nacionais para os mercados asiáticos. Nesse aspecto, o setor de carnes, vermelha e branca, brasileiro é um exemplo da trajetória que os grãos e frutas podem alcançar, centralizando a lucratividade em cadeias de empresários brasileiros.

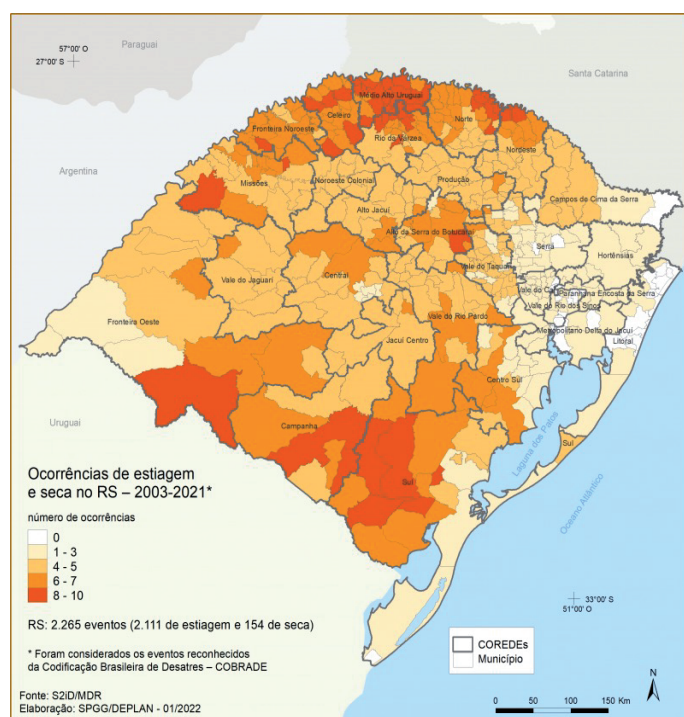
Riscos

Como cautelas também podemos apontar três eixos, aos quais já desafiam o Brasil nessa década e a longo prazo.

O primeiro deles são as frequentes secas na região sul do Brasil: já nem se pode dizer que se trata de excepcionalidades, pois na última década foram registradas 5 safras de verão com perdas decorrentes de ausência de chuvas. Mas é uma situação que tem como ser contornada, embora inevitável: um programa (público ou privado) de açudes, cisternas e poços artesianos em uma região rica de aquíferos é um benefício que se paga no tempo, apesar do desembolso inicial, sendo efetivo para minimizar variações climáticas e prejuízos na lavoura. A liberação de recursos quando a estiagem já está em curso é a mais cara das soluções: reativa, desarticulada e sempre condicionada as mesmas pré-condições de créditos normais. **Um programa permanente em soluções de estiagens prova-se barato em relação aos potenciais prejuízos.** A recente queda de 45% (!) do PIB agropecuário gaúcho em 2022 é um depoimento definitivo da necessidade de medidas estruturais e não somente paliativas.

Embora a figura 2 ilustre a frequência de secas e estiagens no Rio Grande do Sul, é preciso notar que toda a região Centro-Sul do Brasil está sujeita ao fenômeno como provam as crises hídricas da última década, afetando abastecimento de água e energia.

Figura 2: Frequências de Secas e Estiagens no Rio Grande do Sul – 2003 a 2021



Outros dois fatores de risco estão associados à China e sua atuação global.

Como principal consumidora, a China tem interesse amplo na estabilidade de preços agrícolas, que como muitos historiadores notam é a principal condição para pacificação social e aprovação do governo pelas populações mais carentes. Assim, as consideráveis reservas cambiais chinesas podem ser direcionadas para estabilizar o preço dos agrícolas e aumentar a oferta dos produtos.

Na dimensão de oferta, os investimentos chineses na África, para além de seu objetivo político, podem fazer com que em algumas décadas o continente se torne uma alternativa produtiva, diminuindo o poder de mercado do Brasil em várias lavouras tropicais. Envolveria não somente a viabilidade de terras, mas também a construção de uma infraestrutura moderna mais bem localizada em relação ao Brasil, inclusive. Contudo, apesar de ser um desafio ao agronegócio brasileiro, é algo que somente em décadas pode se tornar uma realidade, permitindo que nos distanciemos enquanto realizarmos investimentos em pesquisa e infraestrutura adequados. A realidade é que se o Brasil transformou seu agronegócio nos últimos 35 anos, outros poderão fazê-lo.

Na dimensão estabilidade de preços, tal como já ocorreu no preço de metais, as reservas cambiais chinesas, bem como seus estoques de produtos, podem ser utilizadas para fazer com que eventuais pressões altistas de preços possam ser contidas. Desse modo, ainda que o produtor tenha uma demanda firme, existiria o incômodo de conviver com incertezas de preço e maiores dificuldades de negociar para os mercados asiáticos. É curioso notar que, além de fazer parte do pensamento estratégico milenar chinês, o acúmulo de reservas de grãos acelera-se neste século 21 em armazéns chineses. O Departamento de Agricultura americano estima que em 2022 a China possuiria 69% das reservas de milho, 60% das reservas de arroz e 51% das reservas de trigo, do mundo (!!!) e o orçamento para tal finalidade sendo reajustado para 2023 em mais de 13%².

Esse talvez seja o maior desafio ao agronegócio brasileiro nos próximos 20 anos e deveria balizar acordos comerciais em condições mais satisfatórias, sabendo-se da sensibilidade do tema para os chineses.

Conclusão

Como conclusão pode-se notar que o agronegócio brasileiro possui uma perspectiva muito favorável, ainda em desenvolvimento e com oportunidades geográficas e setoriais significativamente lucrativas.

O desenvolvimento dos mercados consumidores asiáticos é a oportunidade do século 21 para o setor, ainda que a gestão se torne mais complexa, tanto do ponto de vista técnico-produtivo, como também financeiro.

O fato é que se há cerca de 100 anos a imigração japonesa idealizava dinheiro em árvore no Brasil, agora é a vez do produtor brasileiro enxergar os mercados asiáticos como a possibilidade de plantar lucro no solo e vencer as dificuldades naturais e de gestão que o setor desafia seus participantes.

²https://www.tridge.com/news/china-has-accumulated-more-than-half-of-the-worlds?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=intelligence_branding&utm_content=dynamicads&gclid=CjwKCAjw_YShBhAiEiwAMomsEG1Dfh89wHW2oel22w6fBnaYEKlaL_iKb3deV7HAnqyh7w_mjbuX6BoCv9EQAvD_BwE

<https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3212519/china-food-security-budget-grain-reserves-grows-136-cent-amid-self-sufficiency-push>

SOBRE A MIRAR

Somos fruto da união entre professores acadêmicos das ciências da Administração, Contabilidade e Economia. Atuamos no mercado desde 2012.

Nossos serviços são desenvolvidos sob o tripé do **planejamento em gestão, visão orçamentária**, e consequentemente, da **performance empreendedora**.

Atendemos empresas de médio e pequeno porte, pois sabemos que, mesmo tendo expertise em seus produtos e serviços, muitas vezes carecem de autoconhecimento em gestão estratégica.

RADAR SETORIAL MIRAR

Coordenação Técnica

Gustavo Inácio de Moraes

Economista pela Universidade de São Paulo (1999) e doutorado em Ciências (Economia Aplicada) pela Universidade de São Paulo (2010). Tem experiência na área de Economia, com ênfase atuando principalmente nos seguintes temas: Política Econômica, Desenvolvimento Econômico e Economia dos Recursos Naturais. Tendo atuado anteriormente como economista no Inter-American Express, atualmente professor doutor da PUCRS e parceiro da Mirar Gestão Empresarial.

Equipe Permanente

João Miranda

Saulo Armos

Alberto Schwingel

Mariana Miranda

Diego Malgarizi

Maurício Vieira

Gilmar Laguna

Beatriz Prado

Rayza Boaro

Rochana Ramos

Revisão Editorial

Marina Miranda

Katine Oliveira

Thobias Zani

Editoria de Arte

Izabelly Damasio

Advertências

As manifestações expressas por integrantes e parceiros da Mirar, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da Mirar. Este Painel foi elaborado com base em estudos internos e projeções e utilizando dados e análises produzidos pela Mirar e seus parceiros além de outros de conhecimento público com informações atualizadas até 04 de novembro de 2022. O Painel é direcionado para plataforma Mirar, contemplando clientes e parceiros, não podendo a Mirar ser responsabilizada por qualquer perda direta ou indiretamente derivada do seu uso ou do seu conteúdo. Este Painel Macroeconômico não deve ser fragmentado ou divulgado de forma isolada sem a autorização da Mirar.



RADAR SETORIAL